

Histórias de vida de jovens egressos de medidas socioeducativas: entre a margem e a superação

Youngsters life histories who came out of the socioeducational rule system: between the marginalization and overcoming processes

RUTE VIVIAN ANGELO BAQUERO*

MARILENE ALVES LEMES**

ELIENE AMORIM DOS SANTOS***



RESUMO – O artigo analisa histórias de vida de jovens egressos do sistema de medidas socioeducativas, estudando-as na sua relação com processos da margem e da superação. Busca problematizar: Quem são esses jovens? Quais suas expectativas em relação à escola? De que modo a escola se relaciona com eles? O que a família representa em suas vidas? Como se dá sua relação com o trabalho precarizado? Que fatores, segundo os jovens, são responsáveis ou não pela reconstrução de suas vidas? O texto sugere, com base nos dados de pesquisa, a necessidade de políticas públicas direcionadas a jovens egressos do sistema de medidas socioeducativas, bem como a importância da sobreposição do enfoque socioeducativo sobre o correccional-repressivo na aplicação das medidas.

Palavras-chave – jovens; medidas socioeducativas; histórias de vida

ABSTRACT – This article analyzes youngsters life histories who came out of the socioeducational rule system, studying in their relation with the marginalization and overcoming processes. It seeks to understand: Who are those youngsters? What are their expectations regarding school? In which ways the schools relates to them? What does the family represent in their lives? How it occurs their relationship with the precarized labor? Which factors according to the youngsters are responsible or not for their lives reconstruction? The article suggests given the research data utilized, the need of public policies related to youngsters that come out of the socioeducative rule system as well as the importance that of the socioeducative approach be prioritized in relation to the correccional-repressive approach in the application of the measures.

Keywords – youngsters; socioeducative measures; life histories

INTRODUÇÃO

O protagonismo juvenil, para uma parcela significativa da adolescência, é realizado através da violência. A esse respeito, dados da Secretaria Especial de Direitos Humanos (2004) evidenciam que, no Brasil, nesses últimos anos, 39.578 indivíduos entre 12 e 18 anos estão experienciando ou já passaram por alguma medida socioeducativa, correspondendo a 0,2% da população de

12 a 18 anos do país. Dados no Rio Grande do Sul indicam que o percentual de sujeitos em tal situação atinge 2,6%; em São Leopoldo, com 207.721 habitantes, o percentual de internos do estado é de 31% (IBGE, 2007).

Dados de pesquisa (DICK, 2006) revelam que a população entre 14 e 19 anos, em São Leopoldo, contabiliza 56.309 pessoas. Segundo a pesquisa, os jovens leopoldenses têm preocupação com a violência, apontando, como principais formas às quais estão vulneráveis, o

* Doutora em Educação pela Universidade Estadual da Flórida (EUA) e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (RS, Brasil). *E-mail*: <rutevivianb@gmail.com>.

** Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (RS, Brasil) e Professora da Rede Municipal e Privada, no Estado do Rio Grande do Sul (RS, Brasil). *E-mail*: <lene.lemes@yahoo.com.br>.

*** Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (RS, Brasil) e Secretária de Segurança Pública do município de São Leopoldo (RS, Brasil). *E-mail*: <liene.amorim@gmail.com>.

Artigo recebido em setembro de 2010 e aprovado em abril de 2011.

estupro, o assalto à mão armada e a bala perdida. No entanto, 42,4% dos entrevistados apontam que são os próprios jovens que praticam esse tipo de violência. Desse modo, ao mesmo tempo em que eles são vítimas de violência, também são protagonistas. Para conter a violência, os jovens indicaram a necessidade de reforçar a segurança pública, garantir necessidades básicas para todos e eliminar grandes desigualdades sociais.

No presente artigo, a reflexão gira em torno dos jovens egressos do sistema de medidas socioeducativas. Buscamos questionar a sua identidade, descobrir quem são, analisar suas histórias de vida, estudando-as na sua relação com os processos da margem e da superação. Pretende-se estudar tanto os jovens com histórico de fracasso escolar e com episódios de violência que conseguiram superar a margem, quanto aqueles que, também tendo as mesmas experiências, retornaram para o sistema socioeducativo e ainda pautam suas atitudes e escolhas pelo substrato da margem: drogas, furtos, crimes e violências.

Conforme o dicionário Aurélio (2009), margem e marginal denotam os seguintes significados:

Margem: 1. Parte em branco ao redor de uma folha manuscrita ou impressa, a qual pode às vezes conter ilustrações e notas. 2. Linha ou faixa que limita ou circunda alguma coisa; borda, beira, orla; [...] 6. *fig.* Espaço livre de tempo ou de lugar. [...] 8. *morfol.* A parte mais externa que circunscreve um órgão foliáceo.

Marginal: 1. Da margem, ou a ela relativo, ou feito, traçado, escrito, desenhado nela. [...] 4. Feito ou elaborado à margem de algum assunto: *comentários marginais*. 5. *bras.* Diz-se de pessoa que vive à margem da sociedade ou da lei como vagabundo, mendigo ou delinquente; fora-da-lei.

Nesse sentido, os delinquentes, foras-da-lei, da linha ou faixa que limita ou circunda alguma coisa – bordas, beiras e orlas – são o centro do estudo.

Refletir sobre os processos da margem implica retomar uma experiência que se constitui historicamente, quando falamos das classes populares. Estar e viver à margem é uma experiência muito particular; é como se, no horizonte, não houvesse um ponto de chegada. Tem-se a impressão de nunca chegar lá. Da margem, vê-se o que não é finito, os olhos veem o que o coração almeja, aquilo que não está dado e que, pela situação e contexto, não se consegue alcançar. Pode-se traduzir essa sensação, esse anseio, em impotência e desejo, sentimentos capazes de transformar-se em esperança e superação ou de trilhar outros caminhos.

Dados da pesquisa *Mapa da violência III: os jovens do Brasil* (WASELFISZ, 2002) revelam que os jovens constituem o maior contingente de pessoas presas. Por

serem a maior parcela social atingida pela ausência de políticas públicas e programas educativos que os insiram em outras dinâmicas de capitalização de suas potencialidades, é para eles mesmos que necessitamos indagar a respeito do que pensam, vivem, fazem e por que pensam de um determinado modo. Talvez, então, possamos encontrar uma nova linguagem, fundamento de uma nova política. Como destaca Abramovay (2002, p. 11), “uma das prioridades nos próximos anos [...] será ‘escutar’ os jovens e trabalhar com eles no fortalecimento da sua capacidade para realizar suas metas individuais e sociais”.

Nesse sentido, pretendemos desvelar, por meio das histórias de vida, como se encontram os jovens egressos do sistema de medidas socioeducativas de São Leopoldo-RS na superação ou não da margem; na experiência de liberdade pós-medida de internação; nas suas relações com a escola, com a família e com o mundo do trabalho.

Para atingir esse objetivo, descrevemos, inicialmente, a realização da pesquisa; num segundo momento, apresentamos uma análise dos dados coletados, finalizando com algumas considerações em termos de conclusão.

REALIZAÇÃO DA PESQUISA

As seguintes problematizações orientaram o processo investigativo: Quem são os jovens egressos do sistema de medidas socioeducativas? O que os mobiliza a frequentar ou não a escola? Por que a escola, por meio de suas atividades, não consegue estabelecer vínculos para a permanência e sucesso desses jovens no espaço escolar? Quais as expectativas dos jovens em relação à escola? De que modo a escola se relaciona com os jovens egressos do sistema de medidas socioeducativas? O que a família representa em suas vidas? Como se dá a sua relação com o trabalho precarizado? Que fatores, segundo os jovens, são responsáveis pela reconstrução ou não do seu modo de vida?

Quatro sujeitos participaram da pesquisa. A escolha observou os seguintes critérios: (a) ter, no mínimo, três anos de escolarização, antes ou depois da aplicação da medida socioeducativa; (b) ser egresso do sistema fechado de medida socioeducativa; (c) ter a experiência da liberdade pós-medida socioeducativa há pelo menos três anos; (d) estar na faixa etária entre 18 e 25 anos; (e) estar relacionado a um núcleo familiar; (f) possuir uma referência de trabalho, com ou sem vínculo empregatício.

Os quatro jovens são egressos do sistema de medidas socioeducativas: um tem 24 anos; dois, 21 anos; o mais jovem, 18 anos. Todos tiveram vinculação com o trabalho precarizado e experiência de liberdade pós-cumprimento de medida. Antes da internação, esses jovens moravam

na periferia de São Leopoldo-RS, possuíam vínculos fragilizados com a comunidade escolar e muita dificuldade no seio familiar, representando ameaça social para a própria família. A seguir, breve caracterização dos entrevistados.

João, 21 anos, trabalhava como vigilante. Vem de uma família de seis irmãos, sendo quatro homens e duas mulheres. Aos 16 anos, sentia-se o “homem da casa”. Mesmo não tendo uma formação acadêmica, “a universidade da vida” imprimiu nesse jovem habilidades bem particulares, entre elas o gosto pela leitura, política, música alternativa.

Pedro, 21 anos, aponta que a própria família foi responsável pela sua entrada no mundo do crime. Alega que seu pai e sua mãe “o empurraram” para o crime, dizendo que era preto e nunca iria arrumar um emprego; então, tinha de roubar. Ouvia isso desde pequeno; porém, para ele, a maior guerra que enfrentava era consigo mesmo.

Samuel, 18 anos, gostava de “ostentar malandragem” e aumentava seus delitos para ser “grandão”. Carregava consigo a tristeza de não encontrar, na sua família, o apoio necessário para a sua ruptura com a marginalidade. No período da pesquisa, Samuel gravou um CD de Rap. Com o apoio de amigos vinculados à Secretaria de Cultura e Organizações Sociais da sua cidade, realizava diversas apresentações em atividades culturais, disputando, democraticamente, o seu espaço de jovem artista da periferia da margem. Samuel revelou, constantemente, que não queria perder sua identidade, nem sair do seu lugar; lutava para manter-se firme entre a vida e a morte.

José, 24 anos, na época da pesquisa, encontrava-se no “semiaberto”, em Porto Alegre. Já teve um irmão assassinado e seu irmão mais novo está comandando uma “boca de tráfico”. De pouca conversa, revelou frustração pessoal pela falta de estudo.

A pesquisa caracterizou-se como um estudo de natureza qualitativa, de inspiração etnográfica. Utilizamos como instrumento de investigação as histórias de vida de jovens egressos do sistema de medidas socioeducativas e diário de campo. Dessa forma, a coleta de dados está ancorada nos relatos dos jovens ouvidos no decorrer da pesquisa; ao invés de prontuários disciplinares, escritos com a lógica do sistema, optou-se pelas vozes que falam de si mesmas.

Segundo Josso (2004, p. 9), “uma narrativa permite explicitar a singularidade, e com ela vislumbrar o universal [...] articulando espaços e tempos e as diferentes dimensões de nós mesmos em busca de uma sabedoria de vida”. É importante assinalar que as histórias para o presente estudo objetivaram ser, para além de uma análise crítica da realidade, um conjunto de experiências regadas de vida, sonhos e expectativas, demarcatórias de relações

de superação e fracasso; portanto, passíveis de mudanças, retrocessos e transformações. Utilizando as palavras de Josso (2004, p. 16),

[...] em primeiro lugar, nossa constante preocupação é que os autores dos relatos cheguem a uma produção de conhecimento que faça sentido para eles, que se engajem, eles próprios, num projeto de conhecimento que os institua como sujeitos.

Não pretendemos justificar suas práticas perversas, nem seus atos indolentes pela fragilidade de suas histórias; ao contrário, buscamos, na pesquisa, demarcar como suas vidas estão imbricadas ao que a própria sociedade vem produzindo no seu tecido social. A favor dessa lógica, Rolim (2006, p. 56) desenvolve a seguinte reflexão:

Diante da violência juvenil há a tentação de “explicá-las” a partir de determinados modelos ou paradigmas conceituais. Ocorre que essa é uma época sem modelos, um tempo pós-paradigmático, que envolve uma sociedade angustiada.

Ou seja, como assinala Freire (1995, p. 23), “somos seres da transformação e não da adaptação”.

Cada entrevista realizada obrigou-nos a improvisar uma nova estratégia de escuta de suas vozes. O intenso movimento provocado, ora pela instabilidade do próprio jovem, ora pelo espaço no qual nos encontrávamos, permitiu a descoberta do universo de pesquisa a partir da ótica da intensidade da vida. A lógica da coleta de dados seguiu a disposição e o tempo de cada um dos sujeitos. A noção de tempo e espaço não se coaduna com a formalizada pelos indicadores de regulamentação social. Para muitos, o hoje é o agora; está fora de cogitação o amanhã, depois de amanhã, semana que vem, próximo mês. A cada encontro, consideraram-se as mesmas perguntas, focando as narrativas com maior consistência, observando as contradições e dali buscando extrair o ponto de convergência pelo processo de saturação das falas e relatos. Após as conversas, anotávamos impressões, falas, sentimentos e sensações num diário de campo.

Metaforicamente, para cartografar os jovens no desenvolvimento da pesquisa, realizamos cinco encontros com três (João, Pedro e Samuel) e apenas um com um deles (José), o qual, logo após a entrevista, foi encaminhado ao Presídio Central. O período de realização da pesquisa durou um semestre (2º semestre de 2006). O “salvo-conduto” para a anuência dos jovens em participar da pesquisa foi nossa experiência em projetos socioeducativos e a relação de confiança estabelecida com eles nesses projetos. João, que já conhecíamos por meio de projeto socioeducativo, conduziu-nos aos demais jovens da pesquisa, sendo uma espécie de bússola, incansável e determinado. Um deles desistiu da sua vinculação com

os outros por achar que o “bagulho era muito sinistro”. Ele não gostava de falar em público, menos ainda para o gravador; assim, acertamos que todos falariam a partir das perguntas-chave, sem direcionamento a um dos sujeitos, mas sim ao coletivo. Conforme conversávamos, íamos introduzindo o assunto.

As “conversas” não tinham lugar predeterminado para acontecer: foram realizadas nas casas dos jovens e em bares de periferia. Preferimos fazer o itinerário da margem até o centro, para, então, retornarmos à margem, interativamente, ouvindo e pesquisando, da prática à teorização. Foi necessário romper o limite que segrega, desvendar os impasses da separação que mantém o distanciamento entre os humanos e, por meio de uma metodologia dialógica, aprender que a qualidade maior do ser social é o poder de modificar a sua realidade.

O QUE OS DADOS REVELAM

A análise apresentada a seguir problematiza a questão da escola, da influência da família, da relação com o trabalho precarizado na vida de jovens egressos do sistema de medidas socioeducativas, discutindo a importância da construção de um projeto de vida, como possibilidade de superação da margem.

A escola na vida dos jovens

As experiências escolares, assim como a relação de cada jovem com a instituição escolar e o lugar dela na vida de cada um, ficaram evidentes em todas as falas dos entrevistados. No entanto, é importante destacar que os jovens constroem, à margem da instituição escolar, outros conhecimentos, porque, desde cedo, são motivados ao exercício de todos os sentidos e inúmeras responsabilidades: olfato, tato, visão, degustação, intuição, produção criativa, autonomia nas relações e corresponsabilização familiar. Tornam-se adultos ainda crianças, e aí reside parte das dificuldades em se manterem vinculados à cultura escolar.

Em busca da garantia de sobrevivência, os jovens trocam as brincadeiras da infância pela responsabilidade do próprio sustento e, na maioria das vezes, também, familiar, provocando o que Graciani (2001) chama de “adultização precoce”. Gilberto Dimenstein (2002, p. 39) relata que “viver na rua é aprender a ser adulto antes do tempo”. Além disso, Minayo (1993, p. 13) destaca que “a infância dos meninos e meninas de rua [...] se torna numa etapa de vida polarizada prematuramente pela responsabilidade da própria sobrevivência”. Privados da condução das suas vidas e da autorrealização como pessoas, esses jovens estão fora da norma, e sua única luta é a sobrevivência. Nas palavras de Graciane (2001, p. 111),

[...] a sociedade considera a criança e o adolescente de rua, apesar de sua idade, um “não jovem”, pois, para eles, não existem possibilidades de contemplar o porvir em projeções e opções concretas de desenvolvimento humano. Nem a sociedade o brinda com perspectivas de realização para sua vida, nem ele pode se projetar, por força da tremenda realidade de seu presente em defesa de si mesmo e de sua grupalização, de modo que é um “não projeto”. Se ainda levarmos em conta as expectativas da sociedade com respeito ao consenso e ao compromisso com os valores que são os que definem a pessoa em sentido social e se transmitem por meio de processos de mobilização e promoção das pessoas ao redor de si mesmo e com o estímulo das recompensas sociais, teremos de concluir que as crianças, adolescentes e jovens de e na rua, em seu presente e em relação ao seu futuro, não são cidadãos.

Os participantes deste estudo não se enquadram nos padrões de aluno esperado pela escola formal. Marcados por suas vivências, constroem maneiras peculiares de perceber o mundo em que vivem e o seu entorno. Conscientes ou não disso, expressam as interpretações de suas experiências em relação ao lugar que poderia ser o caminho para a fuga da marginalidade e promessa de outras possibilidades – a escola, revelando expectativas e decepções nas suas relações com ela.

Nesse sentido, Paulo¹ relata o seguinte: “Sempre fui um bom aluno e nunca rodei, porém era muito brigão”. O jovem diz que tinha enorme facilidade para fixar os conteúdos da escola e que, por mais que tentassem “lhe atrapalhar”, “nunca repetiu um ano”. O jovem afirma não ter paciência com a escola e considera a permanência de um ano na mesma série tempo demais para alguém como ele, que sempre teve grande facilidade para aprender. Conforme o entrevistado,

Que o estudo melhora o futuro a gente sabe. Para muitas coisas precisa de estudo. Mas penso que o ensinamento poderia ser diferente, o que está nos livros poderia ser mais parecido com a vida da gente, mais real, mais brilhante. As professoras e o governo poderiam pensar como as coisas acontecem na vida. Tem umas coisas que a gente nunca vai usar na vida. Parece que é só para dificultar as coisas (Paulo).

Para José, a escola poderia associar os ensinamentos de sala de aula com a realidade de jovens da periferia, ou seja, aproximar o conteúdo com o cotidiano deles. Ainda sugere, em seu depoimento, que os livros devam conter exemplos do que acontece, de fato, em suas vidas, pois, segundo ele, esse distanciamento de conteúdo escolar e a dura realidade vivida nas periferias acabam induzindo ao abandono da sala de aula:

Eu não queria aprender só o ba, be, bi, bo, bu, ou abcd. Eu queria o ba, be, bi, bo, bu do mundo... que ajuda o cara a sair do lugar e ter futuro. Esse jeito de ensinar a escrever e ler só ajuda o cara a sobreviver, mais nada (José).

Conforme os jovens, na escola, o tempo não passa e o que dizem as professoras não servem à sua vida. Paulo é enfático ao dizer que “Parece que a didática da escola é só para dificultar as coisas”. Como afirma Marques (1999, p. 95), “os jovens buscam na escola um espaço de sociabilidade e de troca de experiências que ultrapassam as dimensões da simples, porém importante, busca da instrução”. Em um trecho de seu depoimento, José fala com certo saudosismo sobre o tempo de escola e afirma que poderia ter sido “diferente”. Deixa claro que, embora perceba a escola como uma barreira para as classes mais humildes, considera-a uma perspectiva de vida. Afinal, para ele, quem estuda tende a ter uma aparência melhor, o que favorece na hora de disputar uma vaga de trabalho. A partir dessa perspectiva, ele vê a instituição de ensino como uma salvação, uma porta aberta a todos; porém, no seu caso, e por opção, renegou-a. Apesar de todo esforço de sua mãe, começou a “matar aula” e se envolver com drogas. Assim, frequentava a escola por obrigação. De certa forma, culpa a necessidade e a falta de dinheiro pela sua entrada no mundo da criminalidade.

A vulnerabilidade econômica e a raça imprimem nesses jovens rótulos que marcam suas trajetórias. João afirma ter sentido na pele o preconceito dentro da escola, pois sempre era suspeito por tudo o que acontecia, atribuindo ao fato de ter nascido na periferia e morar em uma das vilas mais violentas da cidade. A localidade onde reside, a cor da pele e a roupa marcam. Mesmo que não faça parte do crime, mas apenas resida em uma periferia, o preconceito já está formado. “Já nasci suspeito”, constata o jovem, desiludido com a escola e com o seu futuro como cidadão.

Outro fator determinante citado pelo jovem para explicar sua evasão escolar diz respeito às poucas opções de vestuário de que dispunha para frequentar as aulas, o que lhe induzia a sentar sempre na última fila. Pedro começou a perceber que os professores o olhavam com indiferença por ser pobre, atitude esta que, para ele, demonstra falta de humildade. Ele finaliza explicitando suas expectativas: espera que os professores tenham um olhar mais humilde em relação aos seus alunos carentes e que não os excluam através do preconceito silencioso; que a escola e o seu tratamento sejam iguais para todos. Nas palavras dele, “O professor não precisa olhar para o aluno pobre de forma diferente”.

Os jovens não reconhecem a escola como seu espaço, afirmando que ele é dos professores e não dos alunos:

Para mim, a escola parece um castelo onde tudo é muito perfeitinho, dá impressão que é a casa dos professores e não o lugar dos alunos. As salas parecem uma cela de prisão, tudo fechado, enfeitada do jeito da professora. Elas são a polícia e os caras, o marginal (Paulo).

O jovem Paulo atribui o termo “castelo” à aparência da escola. A crítica, no entanto, não se limita à aparência arquitetônica dos prédios, mas também aos professores. Ele revela existir um abismo entre educando e educador, associando a professora a um policial e os alunos a marginais.

Pedro, assim como Paulo, compara a escola a “um grande castelo” e completa dizendo que entra apenas quem possui senha. Faz uma forte crítica ao papel da escola, reivindicando a existência de direitos para todos. Ele passa a impressão de não acreditar mais na instituição e de se sentir rejeitado, excluído pelo sistema educacional.

Eu percebo a escola como um grande castelo fechado para o mundo, só entra lá quem tem uma senha, aí todo mundo tem, dizem que tem direitos para todos, mas para ficar lá tem que ter um saldo na conta, senão vai ficar com o nome sujo. Assim, se tu tiver um bom comportamento e aceitar tudo, a tua conta fica grande, a professora vai fazer o possível para tu ficar (Pedro).

Também, culpou a escola pelo seu fracasso, ao realizar tentativa frustrada de voltar a estudar. Pedro afirmou sentir na pele a rejeição por parte dos educadores, o que atribui ao medo que sentiam dele, pelo fato de ser um egresso de medidas socioeducativas. Deixou claro que pensa ser difícil a ressocialização depois que “o cara sai do sistema”, pois as pessoas não acreditam na sua regeneração. Ele diz reconhecer que precisará de muita força para fazer, ou melhor, refazer o seu caminho:

A escola não se relaciona com o cara, é o cara que corre atrás dela, na ilusão que ela é a sabe tudo. A gente pensa que as pessoas vão te ajudar e isso é só fachada. Quando eu saí do sistema e tentei voltar, foi só frustração, tu quer te regenerar, mas ela tem medo do cara. É muito difícil para o cara que sai do sistema voltar para a escola. Eu vou ter que enfrentar os meus medos, entrar de peito aberto, sem clima, não olhar para os lados, seguir a minha meta. Não sei se um dia vai ser diferente, mas eu tenho que fazer o meu caminho (Pedro).

João relata que deixou a escola e começou a trabalhar para ajudar a mãe nas despesas de casa; contudo, quando conseguiu retomar os estudos, já mais velho, percebeu que a instituição já não despertava o interesse de antes, chegando à conclusão de que ela não podia lhe oferecer mais nada.

Os depoimentos desses jovens evidenciam sua decepção com a escola; ao mesmo tempo, ficou nítida a impressão de que, se pudessem fazer “diferente”, o fariam. As críticas à escola, aos professores e, inclusive, à estética do prédio, revelam, concomitantemente, o descontentamento com o ambiente escolar e a tristeza pelo fato de o terem abandonado. Todos se mostraram desiludidos, pois sabem que, infelizmente, o tempo não volta, principalmente o da escola – a fase, na opinião dos jovens, mais importante da vida, em que é possível vislumbrar um futuro melhor. No entanto, ainda há um sonho impregnado na alma deles:

O sonho é um jeito da gente manter viva a memória da escola, eu sei que sem estudo não vou muito longe, mas sei também que lá não têm assento para mim. É uma coisa engraçada, é um jeito da gente se sabotar. Dizer que a escola é o futuro é um jeito de agradar as pessoas e de enganar a gente, os pais e os amigos. A adrenalina que sinto quando roubo é mais vibrante, mais louca, desafiadora do que a escola (Paulo).

Conforme Corti (2001, p. 15), um dos maiores desafios da escola brasileira, sobretudo da pública, que atende à maioria da população, é “criar novas modalidades de práticas educativas, que a torne menos excludente e mais capaz de proporcionar uma formação cultural e científica de teor democrático ao público”. Tal constatação está presente nos relatos desses jovens.

A família na vida dos jovens

A família surge no universo das entrevistas muito mais como propulsora para a entrada dos jovens no mundo do crime do que como ponto de apoio para a sua saída. No entanto, também é reconhecida como a possibilidade de escape, quando vislumbram a constituição da sua própria família, como no caso do jovem Paulo. No seu imaginário, enxerga a família como um sonho; deixa claro que a lacuna decorrente de sua carência familiar é irreversível. Sua família nunca esteve totalmente reunida, mas, ainda assim, sente a sua falta.

Meu pai é usuário de drogas e minha mãe, uma pessoa que aceitava tudo o que ele fazia. Muitas vezes, ela chorava, se lastimava, mas não tomava uma decisão. Nós fomos crescendo e aquilo era um inferno. Não quero mais isso para mim. Gosto muito de criança, um dia vou ter a minha família e fazer tudo diferente (Paulo).

A postura de José, em casa, com a esposa, os filhos e as irmãs, é autoritária e machista, mas essa falsa autoridade familiar é rompida com a presença de sua mãe, que não aceita as atitudes rompantes do filho. Conforme a própria mãe do jovem, “Ele não tem moral para cobrar

determinadas atitudes da família, pois ele mesmo não é um bom exemplo para os filhos”. No fundo, José usa essa autoridade para proteger seus filhos da criminalidade, caminho que ele próprio seguiu. O rapaz se orgulha da esposa que está estudando e vê nos filhos uma aposta positiva para o futuro. Além disso, vê na mãe seu porto seguro para conseguir viver de forma diferente, como ele mesmo define.

Vou lutar pelos meus filhos, pela minha mulher que está estudando. Eles vão estudar nem que seja no laço. Eu penso em uma escola que ajude a ter um bom emprego, com uns cursos técnicos, onde o cara aprende mesmo. É isso que eu espero para os meus filhos. Eu vou lutar por isso (José).

Fator determinante para que o jovem de periferia não caia na criminalidade, diante da difícil realidade que enfrenta, é o apoio da família. No caso de Pedro, foi exatamente essa falta de apoio dos pais (principalmente do pai) que o impulsionou a não largar o crime. Segundo ele, o pai insiste para que volte a roubar. Seu genitor segue à risca a seguinte teoria: “Nego só é bom quando tem dinheiro”. “Meu pai insiste para que eu voltar a roubar. Me desafora dizendo que eu quero ser nego bom e que isso é burrice. Nego só é dos bons quando tem dinheiro”, relata Pedro.

Samuel, por sua vez, vê nas letras de Rap uma fonte de escape para cantar toda a liberdade presa em sua garganta e os sonhos que, conforme ele, estão refugiados em seu coração. Confessa que chora sozinho como uma forma de desabafo pelo desprezo que sente pela sociedade. Quando fala da sua família, lamenta: “Meu pai me chama de tudo quanto é coisa. Meus coroa não estão nem aí, eles querem que tire dinheiro de algum lugar” (Samuel).

Um único jovem – João – abordou a preocupação da família com o seu envolvimento com a criminalidade. Ele desabafa: “A nossa vida não foi fácil, minha mãe se esforçava para dar uma vida digna para nós. Meus dois irmãos mais velhos moravam com meus avós. Minha mãe ficou louca porque, de uma hora para outra, eu comecei a roubar direto” (João).

O trabalho precarizado na vida dos jovens

Os jovens entrevistados justificam suas experiências de trabalho pela chance de criarem espaços de sobrevivência. João conta que está vivo devido à sua capacidade de recriar a própria vida no meio da realidade em que vive, pelo trabalho:

A gente vende frutas na rua, dá uma de carroceiro, ajudante de pedreiro (aqui todo mundo é pedreiro), limpa o pátio da granfinage e, quando, não dá mais,

bate desespero, a tentação de fazer uma mão... Correria pequena. O cara quer sair, quer conseguir um trampo legal, mas falta estudo, não deu pra ficar na escola, bateu a necessidade, a gente tem que se virar, não dá pra ficar chorando... O cara precisa de espírito presente (João).

Os jovens atribuem ao estudo a possibilidade de arranjar um emprego e ascenderem socialmente. Para Pedro, “É preciso estudar para ser gente”. Ele explica que estudar é o caminho para uma vida melhor, o que inclui arranjar um bom emprego, ter reconhecimento, viajar, ler as histórias dos livros e saber aquelas que não estão nos livros.

Nesse sentido, cabe destacar a necessidade de políticas públicas voltadas para a categoria juventude, que ofereçam qualificação profissional adequada e reais condições de inserção ao mundo do trabalho. Temos, hoje, no panorama das políticas públicas focadas na juventude, programas e projetos fragmentados, que não correspondem nem às expectativas dos jovens, nem às necessidades do mercado de trabalho.

É necessário que tais políticas direcionem-se, de forma especial, aos jovens que se envolveram em algum conflito com a lei, de modo que tenham a oportunidade de construir outros caminhos ao saírem do sistema de medidas socioeducativas. De acordo com o jovem Pedro,

Lá dentro estudei, participei de atividades de artesanato, mas nem um curso que me ajudasse para quando eu saísse de lá. As oficinas são boas, mas não dão uma profissão, não abrem porta para o trabalho. Quando a gente sai, fica esquecido pelo sistema. Eles poderiam de lá garantir escola pro cara, curso profissionalizante e uma empresa pra gente trabalhar. Quando a gente sai, não tem o que fazer.

A construção de um projeto de vida como superação da criminalidade

Caracterizando o público juvenil que se encontra, hoje, em conflito com a lei, entendemos que imediatismo poderia ser a palavra para melhor definir essa juventude. Na sociedade capitalista, o jovem passa a ser incluído pelo que tem e não pelo poder de transformação e radicalização da vida. Esse é um dos pontos fortes que leva tantos jovens de periferia a se aventurarem pelo mundo da criminalidade.

Instigadas a entender mais sobre a vida desses jovens, buscamos ouvir como foi que iniciaram a sua história no universo de criminalidade e violência. Os entrevistados revelaram, nas suas falas, um misto de ingenuidade, necessidade de sobrevivência e indignação com a sua situação.

Conforme relato, João foi preso, pela primeira vez, quando ainda era menor de idade. Foi encaminhado para a FEBEM, em Porto Alegre-RS:

[...] quando eu tinha quatorze anos, comecei a olhar ao meu redor dentro da comunidade, o que eu via era todo aquele cotidiano de violência, achava lindo ver aqueles caras com arma na mão, bem-vestidos, com artigos de grife, rodeados de mulheres lindas, todo aquele castelo, toda aquela ostentação, aquilo me fascinava, achava que não era tão ruim (João).

Paulo, por sua vez, destaca que seus primeiros delitos aconteciam com facilidade; assim, entrar no sistema socioeducativo, segundo ele, tinha se tornado algo corriqueiro. Só se dava conta de “suas mancadas” depois que já as havia feito, ressalta. Arranjar dinheiro fácil era o seu objetivo. Nessa perspectiva, considerava a escola muito lenta para lhe dar algum retorno; então, encontrou no crime o dinheiro rápido. Ele queria mais, em todos os sentidos: mais reconhecimento na escola, mais dinheiro em menor tempo possível, mais atenção por parte da família. Sobre sua história de privação, Paulo relata:

Fui pego por causa de delitos e da quantia de droga que ingeria. A droga me fissurava, e eu roubava para consumir mais. No sistema, dona, o bicho pega... Não é jardim de infância, o cara fica adulto sem se ver. Lá é sinistro, o inferno está lá, a solidão consome o cara e o melhor é não pensar para não enlouquecer. O sofrimento é a melhor escola para a vida.

Já o jovem José diz que sua entrada no mundo do crime ocorreu pelos assaltos à mão armada: “Eu fugia da escola com os amigos e ia para as imediações do centro para realizar essas ações. Pegava os passantes e tomava carteira, celular, relógio, dinheiro, tênis de marca, jaqueta de marca e muito mais”. Ele afirma que, apesar de “curtir um monte esses bagulhos de granfino” (roupas caras), não podia ficar para ele; vendia para comprar drogas. Não costumava usar aquilo que furtava, pois sua mãe e a comunidade logo se dariam conta de que estava na “correria”: “Nunca fui vacilão, quem entra nessa tem que ser ligeiro... Não dá para ficar de toca por aí”. Ainda relata que foi tomando gosto pelo crime e que sua vida de *bad boy* – durão, carrancudo, fechado – encantava as meninas da comunidade. Nessas aventuras, acabou engravidando sua atual companheira que, na época, tinha 14 anos. Os pais da menina ficaram muito revoltados, queriam matá-lo, mas ele a assumiu. Sua mãe quase morreu de desgosto, não aceitou a situação, pois acreditava que ainda poderia retomar o seu caminho. Ele salienta que “Todo mundo sabia que eu estava embolado até o pescoço com os manos do tráfico lá da minha banda, só minha mãe não sabia, ou não queria saber”.

Quando abordamos o retorno financeiro da criminalidade, ele respondeu que, em parte, ganhou respeito e “resposta” (responsabilidade) no mundo do crime, mas isso logo passou, porque começou a consumir a droga que vendia.

Apanhei, fui isolado do comando maior e até obrigado a pagar tudo. Tive que roubar mais ainda e aí fui pego e levado para a FEBEM de 1999 até 2000. Nesse período, fui para o fundo do poço. Como não era mais considerado, não recebi apoio dos comparsa, só minha coroa, minha mulher, meus irmãos, irmãs e filha (José).

Perguntamos se aprendeu alguma coisa com isso, e ele respondeu que não:

Continuei roubando, depois que a gente pega gosto é difícil largar. Na FEBEM, não aprendi nenhuma profissão, só artesanato, mas isso não dá emprego para ninguém. Até tentei entrar no ramo da cestaria, trabalhando com jornal, mas as pessoas compravam porque tinham pena do cara. É muito complicado sobreviver com isso. Nesse tempo pós-FEBEM, eu roubava para sustentar minha casa, mulher e filha. Quando bate a necessidade na porta, a gente precisa ser muito seguro para não passar da linha. Eu não tinha paciência, terminava me envolvendo de novo. E aí fui só decaindo, tenho vergonha dos meus filhos, da minha mãe, da minha mulher, mas estou preso novamente (José).

Ainda que seja às custas de seu envolvimento com o mundo do crime, o jovem vislumbra um futuro diferente para seus filhos:

Caí mais uma vez por um rádio gravador. Não sei quando isso vai acabar, só sei que não quero de jeito nenhum isso para os meus filhos, eles têm que fazer curso técnico, estudar no Senai se preciso for... Nem que continue roubando para pagar os estudos deles, eu já estou calejado, mas eles continuam a vida. Minhas meninas serão moças direitas, estudadas. Não quero ver elas com marginal (José).

Pedro refere-se à ambição como motivação para a prática de seus delitos:

Eu tentei ser um nego diferente, mas terminei caindo na sina da família. Eu não gostava de roubar, mas iniciei pegando coisa pequena, comida, roupa de varal e aí a ambição foi crescendo. Eu já era um rapazinho e queria andar bem-vestido, calçar um tênis de marca (Pedro).

Segundo Pedro, é muito fácil se iludir e, quando percebeu, já havia sido fisgado pelo crime e o tráfico:

“Eu roubava sem parar até que um dia fui fazer um assalto à mão armada com um revólver, e como não sabia atirar direito, vacilei e fui preso”.

No sistema de internação, o jovem lembra que recebeu apoio dos demais colegas e diz que, nessa realidade, o reconhecimento se dá pelo tamanho do crime que realizou: “Lá recebi apoio de uns amigos da comunidade, sofri bastante, pois queria ser grandão, e como o meu delito era pequeno, não pude ocupar esse posto” (Pedro).

Na ausência de um projeto de vida, os jovens deste estudo fazem da delinquência o seu projeto. Eles passam a organizar suas atitudes em torno da criminalidade. Destaque-se, em relação a essa questão, a necessidade, manifesta por um entrevistado da pesquisa, de o criminoso ter formação:

A periferia precisa mostrar uma cara sem crime. É de lá também que tem que sair doutor e mente brilhante que só dê orgulho pra comunidade. Ah! E se for para o crime, não pode ser chinelo, a nossa comunidade tem que ser respeitada. Tem que se manter na escola até saber ler e escrever, fazer conta e tudo mais, até fazer uma carta. Na vida da delinquência, o cara não pode ser analfa de tudo (Pedro).

A realidade que cerca esses jovens é bastante cruel. A linha que delimita a decisão de sair ou permanecer no crime é muito tênue. Por vezes, os egressos mencionam tentativas frustradas, sustentadas pela pouca força de vontade e baixa estima:

Eu já tentei muito, sabem da minha vida e de tudo que eu sou capaz, mas também sabe que não é fácil, quando estou quase conseguindo bate uma onda de desespero, insegurança, medo. Quando vejo, caí de novo. Parece que nasci para não ser... Só consigo namorada se bebo e se fumo. Os amigos também só valorizam se o cara ostenta grana. Gasto todo o meu salário numa noite, no dia seguinte não tenho nem para o transporte. As pessoas me dão uma nova chance, quero muito, mas não consigo. Também não roubo mais há um bom tempo, só não livre da droga. Não sei qual será o meu futuro, estou sem rumo... (Pedro).

No decorrer da pesquisa, encontramos jovens que não conseguiram, ainda, assumir um projeto de vida e outros que já estão concretizando o sonho de ser, como dizem, “uma pessoa melhor”. Um deles é João, jovem perseverante, forte, audacioso. Conseguiu, graças ao seu próprio esforço, transgredir a margem e vencer. Aos poucos, João vem mostrando o seu papel na sociedade, assumindo, como centralidade desse projeto, o trabalho e a família. Sobre a reconstrução de sua vida, admite ser difícil. Para ele, sua mãe representa “toda a luz” da qual precisa para tentar viver de outra forma.

A vulnerabilidade dos adolescentes diante do mundo está relacionada à ausência de um projeto de vida pessoal. A perenidade dos corpos, a exposição a riscos, a falta de confiança na proteção adulta parecem obstaculizar o aprendizado de projetar-se no futuro. Vislumbrar e planejar o futuro podem ser fatores de proteção, por estimularem o interesse na conquista de outra forma de viver. Riscos frequentes vivenciados pelos adolescentes vinculam-se a uma perspectiva pessoal de futuro frágil ou inexistente, como se a vida não valesse à pena.

Refletir acerca de projeto de vida enquanto fator de proteção remete à questão da temporalidade e cuidado. A lógica do cuidado prescinde de uma perspectiva temporal, pois a ideia central que move um projeto só adquire sentido se tomada a partir de uma dimensão temporal definida. O tempo é a condição de um projeto, e este é conteúdo que especifica o que é presente, passado e futuro. Ele é, pois, o desejo, que se põe em movimento, construindo a história (AYRES, 2004).

O desafio desses jovens é integrar a perspectiva temporal da própria existência, inaugurando a possibilidade de reinventar permanentemente o seu futuro. No contexto socioeducativo, a valorização de atividades que envolvam a dimensão do cuidado, do tempo e do desejo, a partir da rotina ordinária, pode favorecer a elaboração de projetos, os quais visam ao fortalecimento do senso de identidade pessoal, conferindo maior nitidez sobre quem se é e o que se deseja, tanto no momento presente quanto no porvir.

O período de aplicação da medida socioeducativa poderia se constituir em um momento para estruturação de projeto de vida. As atividades educacionais, de lazer e de formação profissional destinadas aos jovens têm o potencial de despertar para a construção de si, o que, em geral, representa uma nova experiência na sua vida. Em estudo realizado junto a adolescentes em situação de risco social, Bardagi et al. (2005) mostram que a escolha profissional e a saída para o trabalho – importante marco desenvolvimental em nossa sociedade – nem sempre ocorre de modo favorável ou organizador. Os autores mostram que, historicamente, o trabalho só entra na vida de jovens carentes como função moral disciplinadora ou de subsistência, e não como projeto de vida, o que seria fundamental no processo de construção de sua identidade.

Fomentar a construção de projetos de vida é fundamental para proteger o jovem, porque disponibiliza maior conhecimento da realidade, dos próprios limites e possibilidades, atrelados ao desejo pessoal. Faz-se necessário investir no tempo e aspirar à felicidade, mesmo diante de perdas sucessivas e histórias marcadas por eventos negativos. Em adolescentes resilientes, percebe-se a capacidade de integrar perdas e perspectivas na busca de novos sentidos que levem à construção de

projetos auxiliares no enfrentamento das dificuldades. No processo de construção de um projeto pessoal, adolescentes em conflito com a lei demandam apoio de figuras representativas para encorajá-los a vislumbrar trajetórias mais saudáveis e felizes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contextualizar a vida de jovens egressos de medidas socioeducativas é fundamental para a construção de hipóteses, com vistas a ajudar no alinhamento das políticas sociais para uma ação mais efetiva no campo da educação.

Neste trabalho, não buscamos os motivos de iniciação ao crime por parte dos jovens, nem sua experiência delitativa. O que nos impulsionou foi o questionamento a respeito do fracasso ou superação de suas histórias, indagando sobre os valores impressos especialmente pela escola e família.

A experiência deste estudo ultrapassou os limites das questões norteadoras. Com os jovens participantes da pesquisa, tivemos a oportunidade de vivenciar singulares experiências, entre elas, as festas de hip-hop, cultura que fomos aprendendo a apreciar para entender a linguagem corporal e as produções musicais, elementos que nos fizeram refletir sobre a importância de uma investigação coletiva, em que os pesquisadores e os pesquisados vivam a experiência da pesquisa. Como Jean Piaget (apud BRANDÃO, 2003, p. 62) afirma, “não acreditamos em pesquisa solitária, mas em pesquisa solidária”.

A identificação de dispositivos efetivamente capazes de auxiliar os adolescentes em conflito com a lei não é tarefa fácil. A literatura mostra uma tendência à volatilidade e não sistematização de grande parte das ações empreendidas nesse campo, mesmo entre as que sugerem novos e promissores caminhos (NEGREIROS, 2001). Levantamentos realizados no Brasil mostram que as condições de aplicação das *medidas socioeducativas* têm sido inadequadas à promoção do desenvolvimento dos jovens (BRASIL, 2002). No que se refere às intervenções, Bazon (2002) e Brito (2003) observam que o enfoque socioeducativo não se sobrepôs ao correccional-repressivo e assistencialista, mas que estes coexistem e justapõem-se, tornando difícil o alcance de resultados positivos esperados pela aplicação das medidas. O atendimento ainda caracteriza-se fortemente pelo enfoque da punição e concepções patologizantes acerca da adolescência e do ato infracional. A “cura” do sintoma-infração ainda é o objetivo das ações terapêuticas, via de regra, centradas no indivíduo.

No entanto, assumir a proposta de *promoção* – em oposição à punição, como base das medidas socioeducativas, exige a busca de outros referenciais.

O adolescente em conflito com a lei demanda novos patamares de vida que não somente o da não reincidência. Fixar-se no ato infracional corresponde ao olhar estrito do “sintoma” ou da “infecção” e remete à adoção de intervenções predominantemente terapêutico-curativas para suprimir o “mal”.

Os jovens com quem realizamos o processo da escuta – os que conseguiram, convivendo com os que querem, mas que, no limite de suas histórias, recaíram constantemente, ombreados com os que permaneceram no entorno – possibilitaram-nos conhecer a experiência da criminalidade, problematizada na sua relação com a convivência familiar, com a vivência escolar e com o trabalho precarizado. A *marginalização* possui rosto, arcada dentária, vestimenta, vocabulário, cor, endereço e condição social. Ela vai assinalando seus signatários silenciosamente, determinando a cada um o “seu” lugar.

Nesse sentido, a pesquisa buscou dar conta de um cenário de múltiplas facetas socioconjunturais no âmbito das histórias de vida dos jovens, como mote referencial para o caminho da delinquência e fracasso pessoal ou da superação dos limites humanos, dos recuos e da permanência na margem como forma de resistência. A pesquisa serviu também de instrumento para desvelar os pontos de fragilidade estrutural na implementação de políticas sociais que deem conta da diversidade sociocultural e da pluralidade em todos os aspectos da vida dos jovens.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam. **Gangues, galeras chegados, e rappers**: Juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- AYRES, José Ricardo. Norma e formação. Horizontes filosóficos para as práticas de avaliação no contexto da promoção da saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 9, n. 3, p. 583-92, 2004.
- BARDAGI, Marúcia Patta; ARTECHE, Adriane Xavier; NEIVA-SILVA, Lucas. Projetos sociais com adolescentes em situação de risco: discutindo o trabalho e a orientação profissional como estratégias de intervenção. In. HUTZ, Claudio Simon (Ed.). **Violência e risco na infância e na adolescência**: pesquisa e intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- BAZON, Marina Rezende. **Psicoeducação**: teoria e prática para a intervenção junto a crianças e adolescentes em situação de risco psicossocial. Ribeirão Preto: Holos, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos**: experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.
- BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria de Estado dos Direitos Humanos. Departamento da Criança e do Adolescente. **Por uma política nacional de saúde para adolescentes que cumprem medidas socioeducativas de internação, internação provisória e semiliberdade**. Brasília: Grupo de Trabalho Saúde e Justiça, 2002.
- BRITO, Leila Maria Torraca de. **Encruzilhadas do sistema socioeducativo**. Rio de Janeiro: PUC, 2003.
- CORTI, Ana Paula; FREITAS, Maria Virgínia de; SPOSITO, Marília Pontes. **O encontro das culturas juvenis com a escola**. São Paulo: Ação Educativa, 2001.
- DICK, Hilário. Discursos à beira dos sinos: A emergência de novos valores na juventude: O caso de São Leopoldo. **Cadernos IHU**, São Leopoldo, v. 68, n. 18, 2006.
- DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel**: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil. São Paulo: Ática, 2002.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. Curitiba: Positivo, 2009.
- FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 1995.
- GRACIANE, Maria Stela Santos. **Pedagogia social de rua**. São Paulo: Cortez, 2001.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estimativa da População 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 28 out. 2009.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- MARQUES, Maria Ornélia da S. Juventude, escola e sociabilidade. In. PIMENTA, Selma Garrido et al. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O limite da exclusão social**: meninos e meninas de rua no Brasil. São Paulo: Hucitec; Abrasco, 1993.
- NEGREIROS, João. **Delinquências juvenis**. Lisboa: Editorial Notícias, 2001.
- ROLIM, Marcos. **A síndrome da rainha vermelha**: policiamento e segurança pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência III**: os jovens do Brasil. Brasília: UNESCO; Instituto Ayrton Senna, 2002.

NOTA

¹ Os nomes dos jovens participantes da pesquisa são fictícios.